

## INTERSEÇÕES ENTRE LAZER E COTIDIANO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURTUME EM JENIPAPO DE MINAS – MG

**Iolanda C. Rodrigues<sup>1</sup>**

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Letícia M. P. Faustino<sup>2</sup>**

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Rafael Coelho Magalhães<sup>3</sup>**

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Bruno S. B. Maxta<sup>4</sup>**

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Alessandro Tomasi<sup>5</sup>**

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** A vida prática e suas nuances são elementos centrais da prática de terapeutas ocupacionais. O objetivo deste artigo foi compreender como a atividade de jogar versos é elemento central do cotidiano de mulheres da Comunidade Quilombola do Curtume em Jenipapo de Minas – MG. Foi desenvolvido um estudo com características etnográficas, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, utilizando o método de narrativas. Constatou-se que é através do ato de ‘pôr e jogar’ versos que a tradição do Quilombo do Curtume conta sua história, apresenta ao mundo a sua cultura e, de certa forma, a mantém viva. Os versos aparecem nas mais diversas atividades cotidianas. Jogar versos, embora constitua uma atividade cultural do quilombo, possui também uma potência enorme para o enfrentamento às diferentes dificuldades da vida, sejam elas de ordem material ou social.

**Palavras-chave:** mulheres; cultura; terapia ocupacional; atividades de lazer.

---

<sup>1</sup> Terapeuta Ocupacional. Email: [iolandaterapeutaocup@gmail.com](mailto:iolandaterapeutaocup@gmail.com)

<sup>2</sup> Terapeuta Ocupacional. Email: [leticiaprimolam@gmail.com](mailto:leticiaprimolam@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Medicina Molecular. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. Email: [rafaelmagalhaes.to@gmail.com](mailto:rafaelmagalhaes.to@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Saúde pública. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. Email: [bruno.bechara@gmail.com](mailto:bruno.bechara@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Estudos do Lazer. Pós-Doutorado em Estudos do Lazer. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Email: [arp.tomasi@gmail.com](mailto:arp.tomasi@gmail.com)

## INTERSECTIONS BETWEEN LEISURE AND EVERYDAY LIFE IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF CURTUME IN JENIPAPO DE MINAS - MG

**Abstract:** The practice life and everything that surrounds it are the two main elements in occupational therapists' practice. Starting on this point, this paper has as mainly objective to understand how the activity of compose and sing verses is one of the most important characteristics in women who lives in Quilombola Community of Curtume in Jenipapo de Minas, Minas Gerais, Brazil. For this paper, has been used a methodology with ethnographic characteristics, using the narrative method. It was observed that through the act of 'creating and playing' verses, the tradition of the Curtume Quilombo tells its story, showcases its culture to the world, and, somehow, keeps it alive. Verses emerge in different daily life activities. Playing verses, although a cultural activity of the quilombo, also holds significant power in confronting different life difficulties, whether they are material or social in nature.

**Keywords:** women; culture; occupational therapy; leisure activities.

## INTERSECCIONES ENTRE EL OCIO Y LA VIDA COTIDIANA EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DO CURTUME EN JENIPAPO DE MINAS – MG

**Resumen:** La vida práctica y sus matices son los elementos centrales de la práctica de los terapeutas ocupacionales. En este sentido, el objetivo de este artículo fue comprender cómo la actividad de tocar versos es un elemento central en el cotidiano de las mujeres de la Comunidad Quilombola do Curtume en Jenipapo de Minas – MG. Para ello se desarrolló un estudio con características etnográficas, de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, utilizando el método narrativo. Se constató que es a través del acto de “poner y tocar” versos que la tradición del Quilombo do Curtume cuenta su historia, presenta su cultura al mundo y, de alguna manera, la mantiene viva. Los versos aparecen en las más diversas actividades cotidianas. Tocar versos, si bien constituye una actividad cultural en el quilombo, también tiene un enorme poder para afrontar diferentes dificultades de la vida, ya sean materiales o sociales.

**Palabras clave:** mujeres cultura; terapia ocupacional; actividades recreativas.

### Introdução

A práxis faz parte e é inerente à vida humana. A partir dela o indivíduo não só modifica o ambiente e as suas relações sociais. Tomasi (2018), apresenta a práxis relacionada diretamente a uma ação, ou seja, compreendida como elemento constituidor e constituído do fazer humano, inserido em um determinado tempo histórico e cultural. É na e a partir dela que seres humanos se constituem como indivíduos, a partir da materialização do seu trabalho e da forma como este transforma a natureza.

Essa ação, em terapia ocupacional, é denominada ocupação, seu objeto epistêmico, e pode ser apresentada como as atividades vivenciadas no cotidiano prático dos sujeitos e que possuem nessa vivência uma centralidade que atravessa e é atravessada pela história, cultura, sentidos e significados construídos individual, coletiva e dialeticamente ao longo do processo de ser e estar no mundo.

Sendo a ocupação uma forma de ação complexa, carregada de significados, qualidades, demandas de investimento e tempo, teleológica e vivenciada no cotidiano dos sujeitos e coletividades, não é simplificada e exclusivamente executiva. Nem toda ação ou atividade pode ser considerada uma ocupação, embora todas as atividades possuem certo potencial para se constituírem como tal. Por outro lado, toda ocupação é praxica, na medida em que produz processos de transformação. De acordo com Figueiredo *et al.* (2020) ocupações contribuem para a construção de significado e sentido para a vida, são nelas que se inserem as várias atividades que as pessoas concretizam em seu cotidiano, sejam as voltadas para si, em família e nas comunidades, nos diferentes contextos em que vivem e nos diferentes momentos da existência.

Neste sentido, ocupações são entendidas e compreendidas tanto como facilitadoras quanto barreiras para processos de produção de saúde, na medida em que proporcionam modificações no cotidiano prático do sujeito e que possibilitem o movimento de superação das diferentes adversidades cotidianas. Trazemos aqui a ideia de Georges Canguilhem (CAPONI, 1997), que certamente não foi desenvolvida para o campo dos Estudos do Lazer, mas importante para a compreensão da dimensão do lazer na vida, seja como ocupação ou como necessidade humana.

Nessa miscelânea conceitual, então, tem-se que o lazer é necessidade humana (GOMES, 2014) e também ocupação (GOMES *et al.*, 2021) sendo, portanto, um fenômeno produtor de saúde. Essa afirmação só é possível a partir das relações que os sujeitos estabelecem com e nessas práticas cotidianas, com diferentes representações e percepções, tanto individuais quanto coletivas. Pensar, então, o lazer como fenômeno produtor de saúde, abre duas possibilidades para pensar a relação entre o lazer e a Terapia Ocupacional: a primeira diz respeito ao lazer como uma finalidade, ou seja, uma ocupação que indivíduos e coletividades podem e devem vivenciar na sua existência cotidiana e: a segunda, o lazer como um meio, uma forma que sujeitos e coletivos podem utilizar como ferramenta para a práxis. E é justamente no âmbito do lazer que esta pesquisa, que teve como objetivo compreender como a atividade de jogar versos se constitui elemento central do cotidiano prático de mulheres da Comunidade Quilombola do Curtume, em Jenipapo de Minas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, foi construída.

### **Sobre os procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, esta pesquisa teve características etnográficas, de natureza qualitativa, descritiva, exploratória, utilizando o método de narrativas. De acordo com Paiva

(2008), a narrativa de uma experiência pessoal não trata apenas de um recontar de eventos, mas também entra na biografia do falante e deve ser avaliada emocional e socialmente.

A pesquisa etnográfica, de acordo com Silva *et al.* (2021), está inserida no âmbito da cultura, privilegiando o olhar dos e para os sujeitos de determinada comunidade, desvelando a sua realidade a partir do reconhecimento de outros lugares que não o do/s próprio/a pesquisador/a, o que permite a ampliação da compreensão de diferentes entendimentos em relação à sociedade e suas relações com o mundo.

Assim, compuseram o estudo um total de cinco pessoas, sendo quatro mulheres e um homem que também se dedica aos jogos de versos. Embora a norma culta da língua portuguesa indique o tratamento no pronome masculino no caso de haver, ao menos, um sujeito do sexo masculino, no entanto, por ser uma atividade essencialmente feminina, tratamos e trataremos no decorrer deste texto as participantes sempre no feminino, quando no coletivo, e no masculino, quando se tratar exclusivamente do sujeito do sexo masculino.

Foi realizado um primeiro contato por telefone com as jogadoras de versos, possível pois uma das autoras deste estudo possui raízes familiares no Curtume e já frequentava a Comunidade. Este primeiro contato foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, considerando que adentramos não somente um espaço territorial, mas sim o contexto de vida daquelas pessoas. Participaram do estudo todas as jogadoras disponíveis no período estipulado para a coleta de dados.

Os dados foram coletados durante uma semana em julho de 2021, por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais ou por telefone, visitas *in loco* e observação da prática de jogar versos no período. As entrevistas ocorreram nas casas das participantes, por solicitação delas, e todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra com o intuito de manter a integridade dos relatos. As transcrições foram lidas minuciosa e sistematicamente, para identificação e preservação das categorias de sentido nas falas registradas, e cada trecho de fala foi alocado em uma planilha virtual construída para este fim. Concomitante à coleta de dados, foi produzido um diário de campo, no qual foram registradas as impressões das pesquisadoras.

Os dados obtidos a partir das falas das entrevistadas e do diário de campo foram estudados sistematicamente para a composição de uma narrativa conjunta entre as jogadoras de versos e os pesquisadores. Neste sentido, a apresentação das narrativas está organizada com a junção de trechos tanto dos relatos de cada participante quanto do diário de campo relacionados. A fim de manter a confidencialidade, cada entrevistada recebeu um apelido, escolhido pelas próprias participantes.

A apresentação dos dados, como será possível perceber nas próximas páginas, não ocorrerá no formato tradicional da escrita científica. Ao propor a construção conjunta de narrativas, empreendemos uma miscelânea entre as falas das jogadoras de versos e nossas percepções como (inicialmente) pesquisadores. Ao longo de todo o processo, buscou-se não apenas apresentar as falas das participantes e o estabelecimento de unidades de sentido (ou categorias empíricas), mas sim construir processos que permitissem a compreensão de como a atividade de jogar versos participa do cotidiano das mulheres daquela comunidade. Assim, as falas em primeira pessoa estão relacionadas às experiências e percepções dos pesquisadores, enquanto as falas das jogadoras de versos serão indicadas pelo codinome a elas atribuído. As análises, por sua vez, foram realizadas sob a luz dos referenciais do lazer e da terapia ocupacional, ou seja, a partir de uma perspectiva de necessidade humana inserida diretamente no cotidiano das jogadoras de versos. Pensar o lazer sob essa perspectiva de análise, pode permitir a construção de um olhar direcionado para duas relações distintas: a primeira, a relação interdisciplinar entre a Terapia Ocupacional e a Educação Física, sendo o lazer o ponto de congruência entre essas disciplinas e; a segunda, uma possível materialização da relação entre o lazer e a produção de saúde.

Este estudo esteve ligado ao projeto de pesquisa intitulado 'Práticas artesanais e a produção de significados e individualidades', aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG com o número CAAE 26424419.8.0000.5149, parecer nº 3.964.176.

### **Sobre escutar para além de ouvir: a construção conjunta das narrativas**

Nessa seção, serão apresentadas as narrativas constituídas entre jogadoras de versos e pesquisadores ao longo do processo. As percepções, sentimentos e análises se misturaram constantemente a dos sujeitos participantes do estudo (pesquisadores e jogadoras de versos), construindo possibilidades únicas para a aproximação com o objeto de pesquisa e com as subjetividades de cada um.

Rei

Acordar às seis da manhã. Esse foi o pensamento antes de dormir na noite anterior. Acordar às seis para dar tempo de tomar café, despedir da avó e tios e descer a pé até a casa da minha tia. A preocupação? Não dar de cara com as vacas bravas de um certo morador do Curtume ou com cachorros bravos no meio da estrada. Na manhã seguinte, a bagagem para a incursão etnográfica era composta por uma mochila pesada, um *notebook*, um pedaço de pau, e

assim a jornada começou.

A caminho do destino, a paisagem era de uma terra ora vermelha, ora amarronzada. Árvores belissimamente verdes e os sons mais diversos que se podem ouvir na natureza, entre barulhos de vento, folhas se mexendo e animais e seus sons particulares. Enquanto percorria essa estrada, a lembrança de tantas passagens pelo caminho e de cada evento diferente que marcava a história vieram à tona. Os pensamentos foram interrompidos pelo barulho de uma moto que logo se aproximou e partiu. Isso me fez lembrar do motivo do pedaço de pau e, automaticamente, aquela olhada básica para o chão, observando se haviam rastros de gado ou estrume fresco.

No final da descida, mais próximo à casa de Rei, já foi possível avistá-lo (bem como o gado, que felizmente estava preso). Com um cumprimento caloroso, a jornada em direção ao primeiro *locus* seguiu, mas não sem um certo estardalhaço para avisar aos cachorros bravos da presença de uma estranha. O lugar estava diferente das imagens de alguns anos atrás: a busca era por uma casa velha que, por um lapso de tempo, pareceu ter sido demolida, mas não. No entanto, uma casa nova fora feita e foi neste lugar que o trabalho de campo começou, mas não sem antes um novo café da manhã, com chá e biscoito frito.

Algum tempo depois, entre uma prosa e outra, se iniciou a jornada até as outras jogadoras de versos que aguardavam no salão comunitário. De posse de celular, câmera e um cachorro, o caminho serpenteou por uma estradinha estreita, onde se concentrava uma pequena vila com alguns estabelecimentos comerciais aqui e acolá. Com o fim do calçamento, foi possível avistar o rio seco e que, devido às chuvas, era apenas uma poça, já que não corria mais. Foi necessário fazer o contorno, pois a água empoçada tomou conta de toda a largura da estrada deixando apenas uns 40 centímetros irregulares de terra batida, mas molhada, por onde pessoas e motos passavam. Ao final do caminho foi possível avistar o destino e, durante a espera para iniciar as atividades, Rei se assentou em um toco de madeira em frente a uma casinha que servia como salão de cabeleireiro. Nesse momento, perguntei: “como é que o Curtume surgiu?”. Ele, um dos homens mais velhos da comunidade atualmente, respondeu que havia pouquíssimas casas por lá antigamente, na época do seu bisavô, o primeiro morador do Curtume: pensativo se recordou de lembranças da infância e das poucas casas que existiam, apontando em algumas direções e mostrando os locais onde ficavam. Após essa brevíssima aula da história, as outras jogadoras de versos se aproximaram e a conversa foi interrompida, dando espaço ao momento de registros que havia sido previamente combinado (e que será apresentado ao longo do texto).

Voltamos para a casa de Rei e a conversa iniciada no salão comunitário continuou em

casa, especificamente na cozinha, para um breve reforço do café da manhã e a observação da preparação do almoço.

I: Como você começou a jogar versos? Foi a pergunta lançada a Rei.

Rei: “antes haviam os terços e, no terço, não podia dançar baile. Então dançavam a roda com o batoque, e vendo as pessoas jogando verso, comecei a aprender”. Disse, ainda, estar acostumado a jogar verso com as mulheres, uma vez que para jogar o verso tem que cantar o batoque e sempre tem mais pessoas: o violeiro, tem o pandeiro e outros instrumentos. Nesse momento, se pôs a cantar verso, e cantou assim:

Eu fui no samba de dia, encontrei com dona Maria,  
o samba tava tão bão, bem do jeito que eu queria.  
Eu não quero mais camisa, com botão no colarinho,  
eu não quero amor de dois, quero um pra mim sozinho.  
Poeira, poeira, poeira levantou, sacudiu, poeira.

Ouvindo as palavras cantadas, Rei foi questionado sobre a sua inspiração e ele disse: “gosto muito de inspiração, me sinto alegre em estar num batoque divertindo o povo” e reforçou o quanto se sentia feliz em cantar batoque, música, verso. Para ele, jogar o verso é uma alegria. Joga verso por gostar e cria muito verso. Quando questionado sobre como se sentiria se não pudesse mais fazer isso, me disse categoricamente que “só se Deus tirar a minha fala, pois enquanto estiver vivo, jogo verso”. Contou, ainda, que canta o tempo inteiro, inclusive em casa, joga verso e batuca na mesa, mesmo que às vezes isso incomode a esposa; faz verso no dia a dia, sozinho, caminhando, e disse gostar muito de pôr versos à tarde.

Sobre jogar versos sozinho ou em grupo, a resposta veio certa: “jogando sozinho pode cantar quantos versos quiser, mas em grupo é muito importante, um canta, outro canta, e junta muita gente...”. Contou que havia batoque toda semana antes da pandemia e que as pessoas gostavam muito, que os versos são muito bem recebidos e aplaudidos, e os ouvintes ficam muito alegres. “E por que jogar versos?” foi a pergunta na sequência, e a resposta foi que a tradição é passada de geração em geração. Disse que isso é uma tradição que aprendeu, que jogava versos desde pequeno porque sua mãe cantava e ele gostava de escutar e, assim, foi aprendendo. Seus irmãos mais velhos também jogavam versos e um aprendia com o outro. Continuou dizendo que agora ele ‘toca o pau pra frente’, então falou sobre a filha mais velha (sua alegria e orgulho eram perceptíveis), também jogadora e criadora de versos de bem querer. Finda a entrevista, enquanto guardava as coisas de volta na bolsa, surgiu a reflexão sobre o quanto isso – jogar versos – é valioso e o quanto essa tradição faz parte da vida de cada uma dessas pessoas, sendo passada de geração em geração.

## Sentimento

A entrevista com Sentimento foi realizada por mensagens de áudio no aplicativo do

*WhatsApp*. Devido às atividades da participante e o tempo disponível em campo, não foi possível articular um encontro presencial. Desta forma, a conversa ocorreu de forma mais objetiva.

Após agradecê-la pela disposição em participar da pesquisa, a conversa teve início sobre como ela começou a jogar versos. Ela contou que “jogar verso é uma tradição dos antigos, passada de geração em geração, a mãe aprendeu com sua avó, e a mãe passou para ela”. Disse que aprendeu em casa mesmo e, também por isso, nos momentos cotidianos, em casa ou no trabalho, os versos estão sempre presentes.

A fala de Sentimento já é um indicativo importante sobre a atividade de jogar versos: além de ser uma forma de lazer, constituída no âmbito da Comunidade Quilombola do Curtume, é constituída (talvez inicialmente) no âmbito familiar. É conhecimento que pode ser configurado para além da relação ensino-aprendizagem, ainda mais se situado em um processo de construção da práxis humana, ou seja, um fazer para além do processo de reprodução da lógica hegemônica capitalista. Gomes (2014), apresenta o lazer como uma necessidade humana, ligado à cultura. Neste sentido, é central produzir a reflexão, como aponta a mesma autora, sobre a superação (neste caso, os jogos de versos) do pensamento hegemônico na produção de lazer, principalmente quando inseridos em contextos que possuem diferentes modos de existir no mundo, como é o caso do Curtume.

Destacamos, neste sentido, que os versos aparecem durante a realização do trabalho, ou seja, dissociados de um tempo (cronológico e histórico) de atividade obrigatória. Neste sentido cabe a reflexão sobre a questão do lazer relacionada não a um conceito ou uma definição, mas a um fenômeno tão complexo que demanda reflexões a partir de um conjunto obrigatoriamente interdisciplinar.

Após um breve devaneio, a pergunta sobre os versos em grupo foi lançada. Ela disse que “tudo começou com a roda de batuque, que vinham acompanhadas de melodias e dança, e de novo vendo as mais antigas jogarem foi aprendendo e ficando mais entusiasmada”. Para Sentimento jogar versos é uma alegria, seja sozinha ou em grupo. No entanto, quando a próxima pergunta já estava preparada, a seguinte colocação foi disparada:

Sentimento: jogar verso sozinha é bom, mas em grupo não tem nem comparação, é maravilhoso! Porque em grupo é possível ver o sentimento, a alegria do outro com a troca de versos!.

Mesmo a proposta neste momento do texto não seja produzir uma análise de falas, não se pode deixar de apontar que a ideia da construção de uma identidade não só individual, mas coletiva, é algo presente na fala de Sentimento e reforça a análise de Gomes (2014). É necessidade, neste contexto, porque é um fazer repleto de sentidos, significados, história e

cultura. É necessidade porque é manifestação da práxis individual e coletiva de indivíduos e de uma comunidade, que permite apropriação identitária.

Ao escutar as perguntas sobre a percepção de como as pessoas recebem os versos e de onde vem a inspiração, contou que

Ele [o verso] é recebido de forma carinhosa, que é recebido como cura, como terapia, penso que a importância dessa prática cultural vai muito além do bem-estar só para quem a pratica. [A inspiração] vem do dia a dia, e que são neles que são expressos os sentimentos e alegria. [...] Se não pudesse mais jogar versos, seria uma tristeza imensa, que ficaria incompleta, porque está na ancestralidade, está no sangue. Jogar verso é alegria de despertar o sentimento que existe dentro de mim!

### Artista do Povo

Terça-feira à tarde, típico dia em que o sol saiu com força (como se diz no mineirês da região), os preparativos para as visitas do dia estavam em andamento enquanto a carona não chegava. O primeiro destino era a casa de Artista do Povo. Assim que o transporte chegou, subi na moto e seguimos pelo caminho.

Entre uma longa estrada de chão e alguns morros, a primeira paisagem que chamou a atenção era o que um dia já foi um grande rio que ainda corre nas lembranças do povo mais antigo do Curtume, como nos contou Rei:

Rei: foram tempos de muita dificuldade, onde se comia o que se plantava, era distante para ir até as cidades mais próximas e coisas como macarrão não eram conhecidas. O óleo de cozinha se comprava a colher, e era utilizado apenas para fazer remédio, cozinhar era com gordura de porco! A farmácia não existia e os remédios eram remédios do mato, pois tinham raizeiros bons que sabiam usá-las. Falou com certa tristeza no olhar sobre as coisas que acabaram: a tenda de farinha, o engenho de rapadura e o curtume; mencionou o rio que antigamente corria forte e tinha muitos peixes (pois chovia muito) mas que com o tempo foi secando, secando e acabou.

A moto foi deixada do lado de cá do rio, pois o restante do caminho era a pé. Ao atravessar o leito seco do rio corrente, o caminho se apresentava numa paisagem verde, resultado da chuva que caíra há alguns dias. Entre conversas e lembranças em direção ao destino, veio a percepção em relação aos cachorros bravos (os mesmos de antes).

Mais que depressa, iniciou-se a busca por um pedaço de pau que pudesse usar como instrumento de proteção, caso necessário. Concomitante e estrategicamente, iniciou-se uma gritaria, na esperança que a dona da casa fosse alertada desde o mais longe possível e, talvez, chegasse antes dos cachorros que, por sorte, não estavam lá. Artista do Povo estava a postos e iniciamos a conversa.

Artista do Povo, mulher de 51 anos, lavradora, bordadeira, tingideira, cantadora de verso, e batedora de batuque, contou que começou a jogar versos desde criança. Quando

aconteciam as festas como a Folia de Reis, tinham as rodas onde as meninas cantavam e jogavam verso uma para a outra e assim ela começou seguindo os passos da mãe. Contou, ainda, que “indo em outros lugares ia aprendendo novos versos, assim como outras pessoas também aprendiam nossos versos, e isso me deixava muito feliz”. Falou com carinho sobre quando se encontram aos sábados no grupo de convivência, onde cada um joga versos, fazem massagens, escalda pés, e como isso é legal. “O batuque também ajuda a reunir as pessoas e sempre que possível estamos presentes”. Como começou a jogar verso em família perguntei se mais pessoas jogavam versos e ela me disse que apenas ela, a mãe e uma das irmãs.

I: E o que é ser jogadora de versos? perguntei naquele momento e ela me disse convicta:

Artista do Povo: uma alegria! Como um artista que apresenta pro povo (não como aqueles da televisão, ou que gravam CD), que cantam com muita felicidade e, quando recebem pessoas de fora para vê-los, veem a curiosidade de quem chega, então elas cantam para as pessoas que vêm conhecer o trabalho das bordadeiras e elas os recebem com versos.

Em seu dia a dia o verso aparece constantemente. Gosta de cantar quando está sozinha e não tem ninguém para conversar, seja lavando uma roupa ou buscando uma lenha: “se dá vontade de cantar, canto mesmo sozinha”. Sobre jogar versos em grupo a história é diferente de quando joga sozinha: contou que no grupo uma sempre quer jogar mais versos que a outra e, se um joga verso, logo se quer retrucar com outro verso, e isso acontece quando se joga em parceria, inclusive jogam versos em agradecimento uma para a outra.

Vale destacar, neste ponto, novamente a centralidade de alguns elementos que compõem a prática de jogar versos, como a questão da ancestralidade e da importância que esta atividade representa para a vida das jogadoras. A fala de Artista do Povo, no entanto, agrega mais um elemento: o desenvolvimento de um papel. Ao ressaltar que se compreende artista, mas não como os da televisão, há claramente uma construção identitária ligada aos jogos de versos. Há que se compreender que Artista do Povo não diminui o valor cultural da arte hegemônica, mas sim engrandece o que é popular na prática de jogar versos.

Tomasi e Fortes (2019) discutem que a prática de uma atividade de lazer, que chamaremos aqui de artesanal, ou seja, que é constituída pelo fazer prático, traz à luz a percepção individual/coletiva de um papel desempenhado. Em miúdos, ao vivenciar um lazer artesanal, há a constituição do sujeito enquanto sujeito, permitindo-lhe a reflexão sobre ser e estar no mundo. Para Artista do Povo, há centralidade na vivência do papel de jogadora de verso, certamente enraizada em um processo histórico-cultural, observada na centralidade que esta vivência possui e constitui seu cotidiano.

Ainda, para além de jogar versos, a vivência da atividade permitiu o desenvolvimento de

um novo papel, o de artista. Dahdah e Carvalho (2014), discutem que os papéis são meios que permitem que os indivíduos expressem seu comportamento ocupacional, incluindo as expectativas que acompanham a posição social ocupada. Neste sentido, eles formam um elo entre a necessidade do ambiente social e as contribuições do próprio indivíduo. Assim, os papéis ocupacionais contribuem para a identidade pessoal de cada sujeito e norteiam também as suas expectativas, além de incluir as obrigações que as pessoas possuem e suas posições na sociedade e como essa interação ocorre em seu cotidiano (DAHDAH; CARVALHO, 2014).

Naquele momento, bateu uma curiosidade sobre como ela começou a jogar verso em grupo, e Artista do Povo falou sobre o grupo de convivência que iniciou na Vila São José, onde fiavam algodão na casinha de cultura da Associação Jenipapense de Apoio à Infância (AJENAI), e que lá aprenderam muito, como bordar, fazer crochê, além de ser um ambiente onde cantavam e jogavam verso. Tempos depois, em um movimento para o cuidado com a saúde das mulheres, esse grupo foi crescendo através do objetivo de aprender os bordados, o grupo foi fluindo e o bordado se tornou fonte de renda. E, assim, o grupo de bordadeiras fortaleceu o movimento de jogar verso. Sobre a inspiração que tem, contou que

Artista do Povo: tudo vem da minha cabeça, da infância que passei e da presença dos jogadores de verso mais velhos como Rei, que me inspiram a continuar a cantar sem querer parar. (dizendo isso com orgulho), as pessoas apreciam muito os versos, tanto que somos convidadas para apresentar para pessoas de fora. Já demos entrevista até para o canal Globo. Então, quem conhece fica encantado – e contou de algumas cidades nas quais já foram se apresentar, como Belo Horizonte, Diamantina, Caxambu e Itamonte.

Sem perder a chance de perguntar como é jogar verso com o único homem do grupo, ela contou que antes eram dois: o marido de Destino e Rei, mas, com o falecimento do primeiro ficou apenas Rei. Mas disse despreocupada

Artista do Povo: que ele dava conta de jogar versos sozinho a qualquer hora. Mas todos já se acostumaram a jogar versos juntos, pois até quando reunidos num dia que tinha maromba<sup>6</sup>, o serviço era acompanhado pela cantoria dos versos.

Quando questionada sobre como se imaginaria se não pudesse mais jogar verso, disse que nem sabia, que inclusive havia pensado nisso dias atrás. Completou dizendo que “do jeito que gosto de andar, viajar, se chegasse um dia em que dissessem que não poderia ir, nem sei o que seria de mim, porque é algo muito forte”.

## Destino

Meio da tarde do mesmo dia. Com a carona de moto para ir à segunda casa na qual

---

<sup>6</sup> Maromba é conhecido como um dia em que vários moradores se unem para ajudar algum membro da comunidade em alguma tarefa, como por exemplo, fazer uma plantação, preparar a terra, fazer colheita.

precisava ir, o caminho serpenteou por mais um pedaço de estrada de terra em direção à casa de Destino, uma senhora aposentada, de 75 anos de idade. Ao chegar lá, ela se encontrava à espera, convidando para entrar e pediu licença para se arrumar enquanto o material para a entrevista era preparado. Tão logo ela retornou, deu-se início a conversa.

Quando solicitada que falasse um pouco sobre a sua história e como começou a jogar verso, ela contou que começou quando criança, vendo sua mãe trabalhando na roça e jogando versos. O batuque era tocado e dirigido pelos versos jogados, então foi crescendo nesse meio e se casou com um cantador de batuque, tocador de pandeiro e cavaquinho e assim continuou a treinar com ele. Quando eram convidados para as festas iam juntos e, mesmo quando ele morreu, ela continuou organizando as pessoas para jogarem versos com o apoio do ‘cumpadre’ Rei que também jogava.

Para ela, jogar verso é como recuperar saúde: se estiver mal, melhora. A fala de Destino joga luz em uma nova relação possível para os Estudos do Lazer: a produção de saúde. Inicialmente, cabe considerar que seria impossível estabelecer uma relação direta com a saúde dentro do modelo de pensamento hegemônico (tanto para o lazer quanto para a saúde). Neste sentido cabe o convite aos leitores e leitoras deste texto para assumirem um posicionamento em relação ao conceito de saúde que supere, na teoria e na prática, a ideia de que saúde é a não doença ou, ainda, que é um estado de bem-estar biopsicossocial.

Pensar a saúde a partir de uma concepção não hegemônica, inicialmente requer que consideremos que as enfermidades, doenças ou quaisquer cenários que causam desconfortos durante a existência, vão ocorrer. Fato é que, absolutamente ninguém está livre de sofrer as diferentes intempéries da vida, sejam elas doenças ou situações adversas. Na mesma medida, por este viés, é contraditório assumir uma experiência de vida que nos leve ao equilíbrio: ora, manter uma vida equilibrada requer esforços sistemáticos para ‘trazer de volta aquilo que saiu dos eixos’ (normalizar o que ficou anormal).

Neste sentido, podemos então vincular a saúde a uma ideia de que a vida é um eterno desafio, não para atingir um equilíbrio, mas para superar as diferentes adversidades que certamente se apresentarão durante a existência. Caponi (1997) apresenta essa possibilidade, pautada no trabalho de Georges Canguilhem. Tomasi e Debortoli (2024) propõem uma reflexão acerca da relação lazer e saúde sob uma perspectiva de relações dos núcleos de conhecimento da Terapia Ocupacional e da Educação Física, em uma relação na qual o lazer pode ser considerado um meio produtor de saúde. Assim, considerando saúde como o movimento de superação de adversidades, é possível compreender a fala de Destino “se estiver mal, melhora” a partir da relação entre o lazer e a produção de saúde. Essa relação pode ser reconhecida, nessa linha de

pensamento, também no trecho de fala abaixo:

Destino: Gosto muito de ir jogar verso, dançar... jogar verso representa muita felicidade. No meu dia a dia estou sempre jogando versos, enquanto faço comida, trabalhando na roça, estou sempre pondo verso e cantando as músicas e que só paro quando estou dormindo, mas todo serviço que faço é cantando, todos os dias. Canto os versos tradicionais e também crio versos e, se esquecer algo na hora, consigo criar novos versos.

Quando questionada se preferia jogar versos em grupo ou sozinha, contou que “em grupo comecei com a companhia do marido e que em grupo se vê mais diferença pois é mais animado do que quando jogo verso sozinha. Um anima o outro e quer colocar mais versos que o outro”. Disse também, animada, que treinou as netas no batuque, mas devido à falta de emprego na região, precisaram sair de lá, mas que sempre tenta ensinar novas pessoas, pois tem poucas mulheres mais novas que jogam verso. Para ela, é importante que cheguem pessoas mais novas, porque as mais velhas vão morrer, então ela continua ensinando quem demonstra interesse e para ela, isso é um prazer.

Destino contou que sua inspiração vem de dentro, “eu jogo verso com objetivo, porque gosto, tenho prazer nisso, o verso vem de dentro de mim para ser jogado para fora e as pessoas recebem os versos com alegria, prestam atenção”. Nessa hora contou sobre um acontecido que ilustrava essa situação, quando fez uma cirurgia e precisou ficar de repouso e o grupo foi convidado para se apresentar em Jenipapo de Minas e, por não poder ir, chorou muito e sofreu por não poder participar.

Então, quando questionada sobre a possibilidade de não poder mais jogar versos, houve uma breve pausa, e a resposta foi surpreendente:

Destino: eu fico muito triste, já aconteceu... E falou novamente sobre a cirurgia, completando: e nesse dia chorei muito, chorei com vontade, porque não podia ir jogar verso. E por que eu jogo verso? Esse era meu destino, desde criança, eu tenho certeza que eu só vou deixar de pôr verso quando eu morrer, mas antes não, de jeito nenhum.

### Bem Querer

Por impossibilidade do encontro presencial, a entrevista com Bem Querer ocorreu por telefone. Certamente por telefone não era o melhor jeito de conseguir obter todas as informações necessárias e desejadas (e, neste ponto e com licença poética, já nos sentíamos completamente envolvidos e próximos do objeto de pesquisa, a ponto de causar certa ansiedade – boa – para ouvir um pouco mais sobre as histórias de cada participante).

Preparado o material, a ansiedade para conseguir gravar a ligação apareceu, já que se tivesse que transcrever pela lembrança provavelmente detalhes importantes seriam esquecidos.

Quando Bem Querer atendeu a chamada de vídeo, foi possível perceber sua beleza inata. Ela parecia estar familiarizada com o processo de ser entrevistada e muito à vontade, afinal, dar entrevistas sobre o trabalho já era de costume. Bem Querer começou se apresentando e contando um pouco da história de como começou a jogar os versos. Disse que aprendeu a jogar com o seu pai Rei, e “que ele é um profissional! Cantar é uma tradição na comunidade”. Disse de como começou a jogar os versos de bem querer e que, com o início da pandemia, foi proposto a ela que trabalhasse em um projeto que incluiria comunidades carentes da região e, assim, jogar versos acabou se tornando uma profissão. Relatou, desenvolvendo a conversa antes que eu perguntasse, que “além dos versos de bem querer, canto versos também em grupo”.

Sobre a diferença entre os versos, com a apropriação de quem sabe muito sobre o tema me contou que

Os [versos] de bem querer, para serem feitos, é preciso pegar o contexto, as características das pessoas, coisas que são importantes... Para escrever os versos de bem querer é preciso sentir a emoção que as pessoas vão sentir quando receberem aquelas palavras, e é importante também que os versos não se repitam, que cada um seja único. Já no grupo a cantiga é mais uma brincadeira, no grupo acontecem versos de desafio, que são colocadas emoções diferentes.

Conforme ela foi evoluindo nas explicações e falando, foi possível compreender as dimensões da importância de jogar verso para ela, e como ela ama não só o que faz, mas também a comunidade e seus costumes. Disse que “a inspiração para os versos vem da natureza e jogar verso é saúde, alegria, amor, emoção e entrega, é algo que me faz muito feliz”, e nesse momento, novamente a importância dos versos para a comunidade, sobre a tradição do canto e sobre levar isso adiante para as outras gerações foi um destaque observável. No momento de falar sobre como seria ficar sem jogar verso, disse que “ficaria muito triste. Muito ruim ‘cê’ ficar com uma coisa presa que ‘cê’ já acostumou soltar”.

### **Sobre reflexões e aprendizagens**

Jogar verso. Outrora essa atividade teria um significado diferente, mas depois de um tempo pensando e estudando sobre isso, e principalmente, em contato com as pessoas que vivem essa atividade em seu cotidiano, jogar verso mostrou um significado maior do que o que antes tinha.

Faz parte dos procedimentos metodológicos da terapia ocupacional a análise e a compreensão dos hábitos que indivíduos desempenham, ou passaram a desempenhar, em determinados ambientes, além da influência dos fatores externos e internos em suas tomadas de decisões. Nesse sentido, o que são as Atividades de Vida Diária? O que é lazer? O que é

trabalho? Por que as pessoas se envolvem em atividade? Qual significado uma atividade tem para determinado sujeito e por que a mesma atividade pode ter um sentido diferente para o outro? São diversas as perguntas que podemos fazer acerca das ocupações em que as pessoas se engajam.

Creek (2010) discute as questões ligadas à fonte de energia para que as pessoas realizem alguma ação, destacando a motivação, a vontade e o engajamento. A motivação fornece energia para agir por ser um impulso interior, a vontade direciona essa energia para uma atividade/ocupação ao invés de outra, enquanto o engajamento vem falar da qualidade da relação da pessoa com a atividade, ou seja, do seu senso de envolvimento, da sua escolha e do significado positivo da atividade.

Quando pensamos sobre as jogadoras de verso, inúmeras foram as questões que nos instigaram a construir uma entrevista para que, através dela, pudéssemos não apenas conhecer essa prática, mas saber quem são as pessoas que jogam verso e o como ele se apresenta em seu cotidiano.

Para as participantes dessa pesquisa, jogar verso é mais do que uma atividade simples, onde se reúnem e cantam. É uma prática de lazer necessária, cultural, carregada de tradição e história, de ancestralidade e de continuidade. Enquanto aproximações históricas, as respostas de todas as participantes foram as mesmas: jogar versos é uma atividade associada ao batuque, aprendida e apreendida em família e repassada de geração em geração.

A prática de jogar versos em grupo, assim como jogar versos de modo geral foi iniciada pelo contato familiar, de ver a mãe, pai, ou outro membro familiar cantando. Destacamos a importância de ações como a AJENAI, que através da casinha de cultura na Vila São José, comunidade vizinha ao Curtume, proporciona às mulheres a possibilidade de se juntarem para aprender diferentes ofícios artesanais e oportuniza diferentes organizações, como grupo de jogadoras de versos.

Os versos aparecem nas mais diversas atividades cotidianas: desde a arrumação da casa até o trabalho na roça; nas celebrações religiosas, como nos terços e Folia de Reis e nas reuniões do Grupo de Convivência, sendo cada verso entoado individual ou coletivamente. O cotidiano, neste caso, além de *setting* para a cantoria, serve também de inspiração para essas mulheres. É neste espaço que cada uma vivencia a alegria de estar reunida num batuque, proporcionando felicidade para seus conterrâneos. É a lembrança da infância, de momentos já vividos, vem de dentro e também vem da natureza, dos animais e das plantas, é inspiração que vem da terra onde vivem, a **nossa** terra.

Para elas, ser uma jogadora de versos representa alegria, felicidade, gratidão, saúde,

entrega, emoção e amor. É parte essencial e estruturadora do cotidiano, uma vez que compartilharam que jogam verso no dia a dia, caminhando, trabalhando, buscando lenha, seja enquanto fazem algum serviço doméstico ou não, essa prática é vista como algo que alivia a mente, gratificante para si mesmas, mesmo quando o fazem sozinhas. Essa reflexão coloca Georges Canguilhem em uma atualidade única: a saúde é o movimento que as pessoas fazem no sentido de superar as mais diferentes adversidades da existência. Nesse caso, jogar versos é produzir saúde.

Existe uma diferença entre jogar verso individualmente e no coletivo. Os principais apontamentos acerca desta questão foram caracterizados por termos como: alegria, parceria, agradecimento, animação, resposta, contexto, desafio, diferença, entre outros. Segundo as participantes, quando se joga versos em grupo há mais alegria, há mais pessoas envolvidas, um atiza o desejo do outro de jogar cada vez mais versos que o outro, numa disputa saudável onde todos têm voz e vez. Neste sentido, Tomasi e Fortes (2019) apontam que a vivência em grupos que possuem as relações mediadas por alguma atividade de lazer pode proporcionar um sentimento de pertença e de identidade cultural.

Saber o que jogar verso representa para essas pessoas é importante, mas importa para nós também sabermos como elas percebem o recebimento dos mesmos pelo público, seja o público da comunidade do Curtume, de Jenipapo de Minas, as pessoas que vêm de fora para ouvir, ou quem as esperava em outras cidades para se apresentarem. E as respostas demonstram o consenso de como os versos são bem recebidos pelo público, de forma alegre, carinhosa, e isso é percebido por elas através dos sorrisos, dos aplausos, do envolvimento na roda, do interesse que demonstram.

E se jogar verso não fosse algo possível? As respostas a esse questionamento denotam o quanto esta atividade não é algo simples para essas pessoas, mas algo que faz parte de suas vidas, quase como uma parte do corpo. Enquanto tiverem vida, estarão jogando verso e o exercício de pensar em não poder fazer mais isso representa imensa tristeza para cada uma. Jogam verso porque é uma tradição aprendida em família, porque despertam alegria, sentimentos que existem dentro de si. Jogam verso porque esse era o seu destino.

Cada participante tem sua história pessoal onde jogar verso se fez presente nas diferentes fases do desenvolvimento humano e do amadurecimento pessoal. Uma prática aprendida em família, compartilhada em grupo, que pode ser realizada também no individual, repleta de riqueza cultural e tradição, que permite que cada uma dessas mulheres expresse seus sentimentos. E na mesma medida em que isso lhes faz bem, sendo considerado como algo que promove saúde para cada um, proporciona aos ouvintes momentos de alegria e prazer.

## Considerações finais

Jogar verso, ao menos no que tange às participantes do estudo, pode ser caracterizado como uma ocupação: rica de aspectos históricos e culturais e que contribui para a construção da práxis.

Embora possa estar vinculada ao trabalho, o que chama a atenção é que jogar versos pode ser caracterizado como uma prática de lazer inserida no cotidiano de cada uma das pessoas que participaram da pesquisa. E esse lazer, por acontecer em todo e qualquer momento do dia e em todos os dias da semana, optaremos por caracterizá-lo como um fenômeno de lazer. Certamente, não foi proposta do estudo questionar ou sequer discutir definições (tanto de lazer quanto de fenômeno). No entanto, vale o destaque em relação à opção de caracterização, considerando, principalmente, a singularidade contextual e cultural do objeto estudado.

Sobre este ponto, o fator ancestral é algo fundamental e que atravessa o jogar versos, tanto quanto a ideia de continuidade dessa prática. É, talvez, um dos elementos mais fortes para alinhar os laços entre os sujeitos, tanto da família nuclear quanto da família cultural. É no e por jogar versos que a tradição do Quilombo do Curtume conta sua história, apresenta ao mundo a sua cultura e, de certa forma, se mantém viva.

Jogar verso é, portanto, inerente ao cotidiano de cada mulher que vivencia essa atividade. É parte estruturadora, intrínseca e inseparável da sua identidade como mulher, quilombola, jenipapense e moradora do Vale do Jequitinhonha, ou seja, é elemento intrínseco e necessário na constituição da vivência cotidiana.

Por fim, pensar o jogo de versos para essas mulheres, sem considerar o contexto no qual estão inseridas é um exercício da ordem do impossível. Embora constitua uma atividade cultural do Quilombo do Curtume, possui também uma potência enorme para a construção de processos de enfrentamento às diferentes dificuldades da vida, sejam elas de ordem material ou social, ou seja, é ação produtora de saúde que, por meio do lazer, pode ser capaz de construir e modificar realidades.

## Epílogo

*Roda morena, quero ver você rodar.  
Ô Balanceia, ô balanceia, quero ver balancear.  
Balanceia, balanceia, quero ver balancear.  
Cê tá vendo eu magrinha, da grossura de uma linha,  
Que é de tanto imaginar, sua vida mais a minha.  
Sabiá do bico roxo, dá notícia de meu bem,  
Se tá vivo, se tá morto, se tá no braço de alguém.*

*O anel que ocê me deu é de vidro já quebrou,  
O amor que ocê me tinha era pouco e já acabou.  
Cê disse que eu sou sua, que eu sou sua eu não sei,  
O mundo dá muita volta, eu não sei de quem sou eu.  
Menina cê tá de luto quem é seu que morreu?  
Se você não tem amor, eu vou ser o amor seu.*

*Iolanda: Esses foram os versos jogados por Destino no final da entrevista. Entre risos e cantoria me despedi dela, que insistiu que tomássemos um café antes de ir embora. Me falou também sobre minha família e enquanto conversávamos mencionou que havia aprendido a tecer guardanapos no tear com minha mãe, e contou a história de como foi... E se levantou do sofá e foi com sua filha procurar os guardanapos para que eu visse (e nesse momento me fez sentir como se meu coração fosse de vidro como em seu versinho, pois minha mãe havia falecido há alguns meses e essa era a primeira vez que eu voltava ao Curtume depois disso, e minha última passagem por lá, havia sido acompanhada por ela).*

*Logo ela saiu do quarto com sua filha e, nas mãos, três guardanapos, tecidos em algodão, com a franja feita, alvos como a neve. E enquanto falava da gratidão que tinha por minha mãe tê-la ensinado tanto, não contive as lágrimas mais uma vez naquela comunidade. Tomei um belo café acompanhado de muito queijo, como boa mineira e roqueira que sou. Após mais um tempo aproveitando o momento e o que ele me proporcionou, me despedi pela última vez e retornei para a velha estrada de terra vermelha em direção à casa da minha avó.*

## REFERÊNCIAS

CAPONI, Sandra. Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud. **Hist. Cienc. Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.4 n.2, p.287-307, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/spm8DWcdjrjMsdX9JQKrYt7N/?lang=es>. Acesso em 14 nov. 2023.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbeta). ISBN 978-85-7334-279-6.

CREEK, Jennifer. Energy Source for Action. In: **The Core Concepts of Occupational Therapy: a dynamic framework for practice**. London, 2010.

DAHDAH, Daniel Ferreira, CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Papéis ocupacionais, benefícios, ônus e modos de enfrentamento de problemas: um estudo descritivo sobre cuidadoras de idosos dependentes no contexto da família/Occupational roles, benefits, burdens, and ways of coping with problems: a descriptive study on. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, v.22, n.3, p.463–472, 2014. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.067>

FIGUEIREDO, Mirela de Oliveira, GOMES, Laysla Demonari, SILVA, Carla Regina, MARTINEZ, Claudia Maria Simões. A ocupação e a atividade humana em terapia ocupacional: revisão de escopo na literatura nacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1858> Acesso em: 12 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/jenipapo-de-minas/pesquisa/23/25124>. Acesso em 11 jan. 2022.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.1 n.1, p. 3-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>. Acesso em 13 nov. 2023.

GOMES, Maria Dulce; TEIXEIRA, Liliana; RIBEIRO, Jaime. **Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional**: domínio e processo. 4.ed. Escola Superior de Saúde, Politécnico de Leiria – Portugal, 2021. 73p.

IBGE. **Cidades e Estados**. Jenipapo de Minas, 2021. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/jenipapo-de-minas.html>. Acesso em 11 jan. 2022.

KIELHOFNER, Gary. **Fundamentos conceptuales de la Terapia Ocupacional**. Buenos Aires, Editorial Médica Panamericana, 2006. 304p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, CNPq/FAPEMIG. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.8, n.2, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>. Acesso em 4 jun. 2022.

SILVA, Cinthia Lopes da; PATESE, Nathalia Sara; PILLON, Rosiane; TENÓRIO, Jederson Garbin. Aplicação do referencial teórico-metodológico da etnografia nos campos do lazer e da educação física escolar. *In*: SILVA, Cinthia Lopes da (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em lazer, educação e educação física**. Atena, Ponta Grossa – PR, 2021. 363p.

TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso. **Da panela a copo**: a produção de cerveja caseira como prática de lazer. [manuscrito], 2018. 190 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B69HB7>. Acesso em 13 dez. 2021.

TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso; FORTES, Rafael. O produtor de cerveja caseira de Belo Horizonte: características do grupo e interfaces com os estudos de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, set/2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15265/12143>. Acesso em 7 jun. 2022.

TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso.; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Quando Lazer e Saúde se encontram: uma aproximação teórica possível para a composição de práticas cotidianas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 220–243, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.52163. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/52163>. Acesso em: 1 ago. 2024.

UFMG. Polo Jequitinhonha. Sobre o Vale do Jequitinhonha, 2018. Disponível em: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/>. Acesso em 11 jan. 2022.

## NOTA DOS AUTORES

### Declaração de conflitos de interesse

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

### Endereço para correspondência

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, EEEFTO, sl. 3106, Pampulha, BH - MG, CEP 31270-901.

**Submissão:** 05/03/2024

**Aceite:** 25/05/2024